CONECTE-SE!
REVISTA INTERDISCIPLINAR DE EXTENSÃO
Pró-reitoria de Extensão | PUC Minas

Diálogos contra a violência nas escolas

Ana Carolina Figueiro Longo[1]
Frederico Augusto Barbosa da Silva[2]

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência acerca do projeto de extensão realizado por alunos do curso de Direito, cujo objetivo foi discutir, com alunos de escola pública, a violência escolar. O projeto envolveu a criação de rodas de conversa, com a participação de alunos universitários e do ensino médio. As rodas buscaram promover um ambiente de escuta ativa e troca de experiências sobre os efeitos da violência nas relações escolares, e tinham por propósito a discussão sobre a possibilidade de atividades extensionistas baseadas no diálogo e na escuta ativa, podendo contribuir para a identificação de situações de vulnerabilidade e para a promoção de uma cultura de paz em escolas públicas. Metodologicamente, trata-se de um relato de experiência fundamentado na observação participante das atividades extensionistas realizadas em uma escola pública de ensino médio. Destaca-se a importância de políticas educacionais que levem em conta o contexto social dos alunos e a sua efetiva acolhida. A violência nas escolas é abordada como uma realidade crescente e alarmante, representando um problema complexo, com várias formas, desde o *bullying* até agressões físicas mais graves. A proposta do projeto foi promover uma cultura de respeito e solidariedade através de discussões mediadas pelos alunos extensionistas, baseada tanto no conhecimento técnico da área, bem como por intermédio de conceitos da comunicação não violenta e de círculos de paz. O projeto promoveu reflexões sobre ciclos de violência e contribuiu para minimizar o número de atos de violência, no ambiente escolar, porque esclareceu sobre consequências e identificou jovens que precisariam de amparo mais pessoalizado da instituição de ensino, para evitar baixo rendimento ou evasão escolar.

PALAVRAS-CHAVE: violência escolar; diálogo; extensão universitária; vulnerabilidade; cultura de paz.

Dialogues against violence in schools

ABSTRACT

This paper reports the experience of an extension project developed by Law students, whose objective was to discuss school violence with students from a public school. The project

[1] Doutoranda em Direito e políticas públicas (CEUB), mestre em Direito Constitucional (IDP), professora do CEUB. anacarolinaflongo@gmail.com

[2] Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Disoc/Ipea); e doutor em sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). frederico.barbosa@ipea.gov.br

involved the creation of dialogue circles in a public school, bringing together university students and high school students. These dialogue circles sought to foster an environment of active listening and exchange of experiences regarding the effects of violence on school relationships. The initiative was guided by the following question: to what extent can extension activities based on dialogue and active listening contribute to the identification of situations of vulnerability and to the promotion of a culture of peace in public schools? Methodologically, this study consists of an experience report grounded in participant observation of extension activities conducted in a public high school. The findings highlight the importance of educational policies that take into account students' social contexts and ensure meaningful support and inclusion. School violence is approached as a growing and alarming reality, representing a complex phenomenon that encompasses multiple forms, ranging from bullying to more severe physical aggression. The project sought to promote a culture of respect and solidarity through discussions mediated by extension students, drawing on both technical knowledge and the principles of nonviolent communication and peace circles. The initiative encouraged reflection on cycles of violence and contributed to reducing violent behaviors within the school environment by raising awareness of their consequences and identifying students who required more individualized support from the educational institution in order to prevent poor academic performance and school dropout.

KEYWORDS: school violence; dialogue; university extension; vulnerability; culture of peace.

1 INTRODUÇÃO

A efetividade do campo das políticas educacionais depende tanto dos conhecimentos estruturados que os professores têm das suas disciplinas, quanto do conhecimento que têm a respeito dos alunos, sobre como eles aprendem, de seus contextos de vida familiar e comunitária. Os processos de ensino e aprendizagem dependem muito mais do que a apresentação de um currículo bem estruturado, em relação aos seus conteúdos. Daí porque os efeitos transformadores positivos da escola dependem de suas capacidades de ação institucionalizada sobre os contextos sociais mais amplos.

Adicionalmente, as tecnologias da informação, as pressões advindas de baixo dinamismo econômico e precarização das relações de trabalho se unem à limitação do financiamento decorrente da gestão orçamentária e fiscal. Em muitas escolas os desempenhos ficam abaixo das expectativas institucionais, segundo indicadores padronizados, os alunos têm dificuldade de acesso ao material por problemas tecnológicos ou de restrição da locomoção, o que ocasiona fracos – ou nenhum – desempenhos e a preparação limitada, perpetuando uma

situação de dependência estatal e pouca chance de ascensão social. Portanto, pobreza e privação desenham os contextos do sucesso e insucesso escolar, agravados por tensões sociais e psicológicas de diferentes matizes. Comportamentos violentos nessas situações não são incomuns.

Em sociedades desiguais, como a brasileira, a escola não apenas reproduz desigualdades, mas também molda suas dinâmicas internas. Violências decorrentes de vulnerabilidades sociais não podem ser resolvidas apenas com mais escolas, novas diretrizes curriculares ou processos de disciplinarização e controles, mas dependem de objetivos políticos mais amplos, sustentados ao longo do tempo e capazes de distinguir as formas de violências, as instâncias e as estratégias adequadas para lidar com cada uma delas.

Identificar os alunos mais vulneráveis e implementar maior eficiência nos instrumentos de acolhimento é um ponto que deve ser destacado. As políticas públicas globais de combate à violência nas escolas perpassam, necessariamente, o acolhimento de cada um dos alunos. O olhar sobre o indivíduo e a possibilidade de acesso a meios de minimizar suas demandas perpassa também pela atuação da escola – ainda que não exclusiva. A limitação de recursos torna as escolas um espaço em que a sociedade também precisa atuar, de modo a minimizar os efeitos da violência (art. 193 da Constituição Federal).

Nesse contexto, a extensão universitária constitui importante instrumento de aproximação entre universidade e sociedade. O diálogo entre os saberes acadêmicos e os conhecimentos produzidos pelas comunidades permite que o processo educativo ultrapasse os limites da sala de aula e contribua para a construção coletiva de soluções para problemas socialmente relevantes. A atuação extensionista não se resume à transmissão de conhecimentos técnicos, mas pressupõe processos de escuta, troca e aprendizagem mútua entre os sujeitos envolvidos (FORPROEX, 2012).

Partindo desse cenário, o projeto teve como objetivos viabilizar espaços seguros de diálogo sobre violência escolar; estimular a reflexão dos estudantes acerca da sua rotina escolar e a convivência com ciclos de violência e de suas consequências; identificar situações de vulnerabilidade que demandassem acompanhamento institucional; proporcionar aos estudantes universitários uma experiência prática de formação cidadã por meio da extensão universitária.

2 O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA

A violência na escola não é fenômeno novo, mas suas formas ganham delineamentos contextuais diversos. Às violências interpessoais entre estudantes e os usos excessivos da autoridade por professores, somam-se os homicídios, estupros, agressões com armas ou não, furtos, ataques e insultos aos professores etc (BRASIL; IPEA, 2023). Embora sejam fatos menores do ponto de vista estatístico, não são de menor relevância em relação ao funcionamento institucional e nas garantias de direitos.

Outro aspecto importante é que a violência passou a envolver também estudantes mais jovens, que agora são tanto vítimas quanto autores dessas práticas. Além disso, a incorporação de violências externas ao ambiente escolar, como invasões e acertos de contas realizados dentro das escolas, motivados por questões relacionadas ao tráfico de drogas ou por vinganças pessoais, tornou-se parte das preocupações negativas das instituições de ensino.

A violência é um fenômeno frequentemente acompanhado pela ampla produção de imagens e discursos na mídia. No contexto escolar, as causas da violência são múltiplas, complexas e variadas, com as mídias desempenhando um papel importante ao trazer esses problemas à tona na agenda pública. No entanto, ao agrupar diferentes explicações como jovens violentos, associados ao tráfico, acesso facilitado a armas, famílias desestruturadas, esses discursos podem resultar em visões simplificadas sobre como abordar o problema e onde concentrar os esforços de combate à violência.

O problema da violência na escola pode ser interpretado à luz das múltiplas violências associadas. Essa violência é realizada em geral por jovens e, ao mesmo tempo vitimiza jovens vulnerabilizados por condições econômicas e de classe e por situações familiares de desproteção social. Esses jovens são desvalorizados socialmente, inclusive na escola, e são vítimas diretas ou indiretas de situações de desemprego, precarização do trabalho, agressões e uso de drogas.

A violência, nessas situações, se desdobra potencialmente, e não de forma automática, por um lado, em agressão física e material, quando, além do sofrimento psicológico, causa

ferimentos corporais tendo como limites extremos o homicídio e o suicídio. Por outro lado, tem-se violência simbólica, tal qual o *bullying*, insultos, agressões verbais e físicas de menor gravidade. Ambas as formas de violência atravessam a escola de ponta a ponta.

Essas violências partem de situações de agressões físicas que resultam de ferimentos mais ou menos graves ou de violências simbólicas que causam ferimentos psicológicos não menos graves, como angústias e sofrimentos subjetivos, mas adicionalmente pode-se acrescentar as omissões, negligências e o desprezo pela outro (Pain, 2010). Cada forma de violência exige ações de tipos diferentes.

As ameaças ou os ataques com vítimas às escolas, alunos, professores e funcionários, foram e serão, com razão, as formas de violência mais midiatizadas; entretanto, não são as violências mais sensíveis e recorrentes no cotidiano das escolas.

As diversas manifestações de violência incluem agressões e humilhações psicológicas, que ocorrem de maneira deliberada e repetitiva no ambiente escolar e em suas proximidades. O *bullying* reflete atitudes de preconceito, intolerância e discriminação baseadas em características pessoais, como etnia, raça, gênero, classe social, comportamentos, aparência física e até posições políticas e ideológicas. Ele se expressa por meio de agressões morais, psicológicas e físicas, manifestando-se tanto verbalmente (através de xingamentos, insultos, provocações, difamações, etc.) quanto fisicamente (com agressões, ameaças e intimidações).

No que se refere ao assédio ou *bullying*, destaca-se o aumento significativo de estudantes que relataram essas formas de violência entre 2009 e 2015, com um crescimento de 30,9% para 44,6%, seguido de uma redução em 2019, quando a proporção caiu para 40,5%. Embora tenha ocorrido esse declínio, a taxa ainda é expressiva. Apesar de ser uma forma de violência menos perceptível, chama atenção sua alta frequência e prevalência (BRASIL; IPEA, 2023).

As formas de violência apresentadas, além de desaguarem questões de saúde mental, como baixa autoestima, stress, ansiedade e depressão, tendem a desmobilizar os estudantes para a frequência à escola. A falta à escola por sensação de insegurança se agrupa numa das causas prováveis inclusive para a perda de ano ou na deficiência do desempenho escolar, mas,

sobretudo, pôde ser revelada na ausência ou falta nos últimos trinta dias (anteriores à pesquisa) (BRASIL; IPEA, 2023).

Resolver esta complexa questão não depende apenas da escola.

A violência escolar é um fenômeno multifacetado, produzido pela interação entre fatores individuais, familiares, institucionais e sociais. Consequentemente, as estratégias exclusivamente disciplinares não alcançam as causas dos problemas e tendem a apenas agravar as circunstâncias de violência. O que se mostra necessário são as abordagens preventivas que fortaleçam vínculos comunitários, desenvolvam competências socioemocionais e ampliem espaços de diálogo dentro do ambiente escolar (Abramovay, 2006).

A participação da sociedade civil, na implementação das políticas públicas, se revela um instrumento importante e é dentro deste contexto que a universidade exerce sua função social, viabilizando, por meio da extensão, que seus alunos, para além do aprendizado, também contribuam para minimizar demandas de comunidades vulneráveis.

Ao fazer isso, as instituições podem utilizar efetivamente o potencial das atividades extracurriculares para promover as habilidades de liderança dos alunos, facilitar o pensamento e o discurso críticos e cultivar um senso de cidadania ativa e consciência global.

A formação universitária somente forma profissionais verdadeiramente comprometidos com a transformação social, se, ao longo do curso, quando os estudantes são expostos a problemas concretos da realidade, e provocados a desenvolver capacidades críticas e reflexivas que dificilmente seriam alcançadas apenas por meio de atividades teóricas. A universidade, nesse sentido, desempenha papel fundamental na construção democrática de abordagens para desafios coletivos, especialmente em contextos marcados por desigualdades e vulnerabilidades sociais (Santos, 2011). Portanto, a integração de atividades extracurriculares ao currículo formal promove o desenvolvimento geral e o sucesso dos alunos (Chicharo; Austin; Coyle; Thompson, 2020).

De modo geral, as atividades de extensão, não apenas aprimoram a experiência educacional dos alunos, mas também os prepara para os desafios e oportunidades do mundo real, promovendo seu crescimento pessoal e equipando-os com as habilidades necessárias para o sucesso futuro. A curricularização das atividades contribui para uma educação mais

significativa e impactante, não apenas melhorando suas conquistas, mas também promovendo seu crescimento pessoal, desenvolvimento social e bem-estar geral (Hazel; Pfaff; Albanes; Gallangher, 2014). Além disso, permite a integração de experiências, valores e habilidades da vida real que muitas vezes não são abordados adequadamente no ambiente tradicional da sala de aula.

Ciente da problemática da violência nas escolas, a turma de Formação Profissional Integrada (primeiro semestre do curso de Direito) se propôs a realização de uma atividade extensionista que pudesse atender a demanda de uma escola próxima à faculdade, que vem enfrentando problemas com seus alunos, em virtude de grande evasão escolar decorrente da violência.

Daí a proposta do projeto "Diálogos contra a violência nas escolas", que busca não apenas informar, mas também transformar atitudes e promover uma cultura de respeito e solidariedade, dentro do ambiente escolar (Longo, 2023) . A proposta envolve a escuta ativa e o diálogo, como forma de combater essas formas de violência e construir um ambiente escolar mais saudável e inclusivo.

A atividade consiste em rodas de conversa, mediadas pelos alunos de Direito, e supervisionadas pela professora regente da disciplina, com as diversas turmas do ensino médio da escola atendida. Buscou-se esclarecer acerca dos conceitos de violência, o reconhecimento e ação ao se deparar com tais situações e como acolher a vítima e o agressor, para pacificar esta relação.

Os alunos universitários se prepararam para estas rodas de conversa, por meio de estudo e pesquisa sobre o estado da arte acerca das consequências da violência para os processos de aprendizagem e o que tem sido feito para minimizar seus efeitos.

A ideia foi criar um espaço informal, no qual se possa discutir o assunto, que, apesar de muito sério, pode ser tratado em uma estrutura acolhedora e lúdica. Os alunos extensionistas tiveram oportunidade de atuar diretamente com a comunidade, fazendo uso dos saberes aprendidos, criando um espaço de confiança onde os alunos de ensino médio se sentiram confortáveis para conversar e, inclusive, relatar casos de violência. Como se trata de uma intervenção única, não se esperava apresentar uma solução definitiva para problema tão sério,

mas apoiar a instituição de ensino a mapear e identificar casos de violência que ainda não eram de seu conhecimento, para que possam ter a acolhida necessária.

Em preparação para a ação, os alunos participaram de capacitações específicas, com advogados criminalistas e psicólogos, assim como cursos de comunicação não violenta e círculos de paz.

A utilização dessas ferramentas promove o aprendizado – que depois vai se incorporar à vida profissional – de que a construção de ambientes seguros demanda mecanismos que privilegiem a escuta, o reconhecimento mútuo e a responsabilização não punitiva dos envolvidos. Os processos circulares de construção de paz buscam justamente criar espaços de fala e acolhimento capazes de fortalecer vínculos comunitários e favorecer a resolução pacífica dos conflitos (Pranis, 2010). De modo semelhante, a comunicação não violenta propõe estratégias voltadas à compreensão das necessidades dos sujeitos envolvidos nos conflitos, contribuindo para a redução de comportamentos agressivos e para o desenvolvimento da empatia (Rosenberg, 2006).

Em seguida, os coordenadores da escola foram convidados à faculdade, momento no qual os alunos tiveram a oportunidade de ouvir sobre os maiores problemas da escola e as condições de vulnerabilidade dos alunos.

Figura 1 – Visita dos coordenadores da escola



Fonte: foto da autora. 2024.

Audiodescrição: “Fotografia horizontal de uma sala de aula. Em primeiro plano e de costas para a câmera, há estudantes sentados em carteiras, voltados para a parte frontal da sala. Ao fundo, diante de uma tela de projeção, estão um homem e uma mulher. Na tela aparece a

frase “O CEUB é nota máxima no MEC”. A sala possui paredes claras, janelas e carteiras escolares organizadas em fileiras.”

Com este substrato teórico básico, os alunos foram divididos em grupos para montar um questionário estruturado, orientador de uma roda de conversa que seria realizada no colégio, com os alunos do ensino médio. As propostas elaboradas buscaram apresentar temas para debate e reflexão, bem como fazer pensar sobre o conceito de violência, de ciclos de violência, assim como os instrumentos existentes para evitar novas agressões.

Depois de bem estruturado o debate, o questionário foi testado em sala de aula. Alunos de dois grupos distintos se reuniram para simular a roda de conversa que seria realizada, em seguida, na escola de ensino médio.

Figura 2 – Alunos simulando a mesa redonda. Um dos alunos desempenhando o papel de pessoa que está desinteressada pela discussão.



Fonte: foto da autora, 2024.

Audiodescrição: Fotografia horizontal de uma sala de aula com 23 jovens sentados em carteiras escolares de estofado vermelho, organizadas em pequenos grupos. Os estudantes estão voltados uns para os outros. Em primeiro plano, há estudantes vistos principalmente de costas ou de perfil. Ao fundo, outros grupos ocupam a sala. Os rostos dos jovens estão borrados para preservar sua identidade. A imagem registra uma simulação de uma roda de conversa

Depois desta etapa preparatória, os alunos universitários foram até a escola, encontrar alunos do 1º e 2º anos do ensino médio. Foram montadas 12 rodas de conversa simultâneas, uma em

cada sala de aula. Os extensionistas protagonizaram os debates e a docente responsável circulou pelas salas, acompanhando o desenrolar da conversa e esclarecendo dúvidas que, eventualmente, os alunos universitários não souberam responder.

Em muitas salas de aula os debates foram acalorados, com discussões bem fundamentadas, depois da provocação dos alunos extensionistas.

Figura 3 – Rodas de conversa conduzidas pelos alunos extensionistas e alunos de ensino médio de escola pública (fotos da autora).



Fonte: foto da autora, 2024.

Audiodescrição. As quatro fotos mostram estudantes sentados em carteiras escolares, posicionadas em círculo. A primeira foto mostra um homem à frente do círculo de 23 pessoas, formado por uma maioria de jovens de camisa azul claro. A segunda foto mostra uma mulher à frente de um círculo de 11 jovens uniformizados. A terceira foto mostra um circulo de carteiras com 11 jovens, com apenas uma pessoa de camisa azul clara. A quarta imagem mostra um círculo de 19 pessoas, algumas uniformizadas, e um homem em pé.

Para fins de avaliação da atividade, foram utilizados instrumentos de natureza qualitativa e quantitativa. Durante a realização das rodas de conversa, os estudantes extensionistas e a docente responsável se valeram da metodologia da observação participante

(Adams; Streck, 2014) por meio de anotações específicas sobre comportamento da sala, assim como sobre reações e falas dos alunos, durante a atividade. Foi possível registrar questões relacionadas ao nível de engajamento dos alunos, à qualidade das interações estabelecidas, à disposição para o diálogo e à ocorrência de relatos espontâneos de situações de violência ou vulnerabilidade. Os registros foram posteriormente sintetizados e analisados criticamente em reunião de avaliação realizada pelos alunos extensionistas, na qual também participaram os gestores escolares.

Além da observação participante, em relação aos ganhos para a formação dos alunos universitários, lhes foi aplicado um questionário formativo. O instrumento buscou identificar a percepção dos participantes acerca da relevância da experiência para sua formação acadêmica, profissional e cidadã, a percepção de sua responsabilidade social, bem como o grau de preparação para a condução das rodas de conversa e a disposição para participar de novas ações extensionistas. Como resultado, 87% dos extensionistas avaliaram a atividade como desafiadora e altamente relevante para sua formação pessoal e profissional.

A análise dos resultados também considerou indicadores relacionados à participação dos estudantes da escola parceira. Foram observados índices como o número de turmas alcançadas, a efetiva participação dos alunos nos debates, a profundidade das discussões desenvolvidas e a ocorrência de relatos que permitissem identificar situações de vulnerabilidade até então desconhecidas pela equipe pedagógica[3]. Estes indicadores permitiram compreender de que forma a ação extensionista impactou a percepção dos alunos sobre a violência que o circunda, bem como se era possível se inserir neste universo danoso.

Nesse contexto, as rodas de conversa revelaram situações envolvendo violência física, psicológica, sexual e controle abusivo em relacionamentos afetivos, permitindo que a escola adotasse providências de acolhimento e acompanhamento dos estudantes envolvidos.

Os relatos, pois, evidenciaram que muitas situações de violência permaneciam invisíveis aos mecanismos institucionais tradicionais de acompanhamento escolar. Esse resultado reforça a importância da criação de espaços seguros de escuta e diálogo, especialmente para

[3] Houve relatos de casos de assédio por parentes próximos, ou amigos dos pais, agressões físicas e psicológicas, por colegas de classe, mas também se ouviu um relato de estupro, seguido de aborto clandestino

adolescentes que enfrentam situações de vulnerabilidade social, violência doméstica ou dificuldades de inserção comunitária. O fortalecimento dos vínculos de pertencimento à escola constitui fator relevante para a prevenção da evasão escolar e para a redução de comportamentos violentos (Abramovay, 2006).

Foi possível devolver à escola um conjunto de informações que aumentou o grau de acolhimento e a redução do risco de abandono escolar, provocado pela violência.

Os resultados foram analisados a partir de três dimensões complementares: a formação humanizada e a responsabilidade social dos estudantes universitários, o fortalecimento dos espaços de diálogo para fora dos muros da universidade, assim como aprender a ouvir e atender demandas vindas da comunidade escolar e a identificação de situações concretas de vulnerabilidade.

Os objetivos da atividade extensionista, pois, foram integralmente atingidos: a comunidade alvo foi afetada positivamente, gerando uma posição favorável para mudanças estruturais, de outro lado, os alunos envolvidos tiveram a oportunidade de vivenciar problemas sociais e agir proativamente no sentido de proporcionar as necessárias mudanças na comunidade.

Importante destacar que os alunos estiveram presentes em um ambiente onde as pessoas estavam em situação de vulnerabilidade e invisibilidade, porque os efeitos danosos não são percebidos de imediato e as políticas públicas estabelecidas não têm conseguido alcançá-las, de modo a prevenir a evasão escolar.

As parcerias com as instituições de ensino, especialmente dentro da proposta de um ensino superior que ofereça atividades constantes de ensino, pesquisa e extensão, podem ocupar este espaço de ação pública, proporcionando mudanças significativas neste cenário.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, com a crescente violência dentro das escolas, as instituições de ensino têm desempenhado um papel cada vez mais preponderante no acolhimento de alunos vítimas

de violência. Entretanto, não têm o poder – muito menos os recursos – para atuar em todas as áreas que seriam necessárias para reduzir os índices de violência.

A sociedade civil, pois, dentro de sua obrigação constitucional de também promover a justiça social, deve empenhar esforços para a redução dos índices de violência, nas escolas. E as instituições de ensino, por meio da extensão, vêm desempenhando este papel.

Relatou-se, aqui, a experiência com uma turma de primeiro semestre, do curso de Direito, em atuação junto a jovens do ensino médio que, diante do cenário crescente dos índices de violência na escola, se encontravam em situação de vulnerabilidade.

A atividade montou rodas de conversa no qual se instigou a reflexão e a conscientização acerca da realidade, mas em uma estrutura distante de palestras e aulas expositivas, e sim na simplicidade de um bate-papo. Os resultados foram além do esperado, porque criado um espaço de empatia e confiança tal, que os alunos se sentiram à vontade para contar suas histórias. A experiência demonstrou que as rodas de conversa constituem instrumento eficaz para identificação precoce de situações de violência e para fortalecimento dos mecanismos institucionais de acolhimento escolar.

A extensão universitária é uma porção do processo de aprendizagem que produz resultados muito positivos, porque o conhecimento é adquirido de forma global e prático, conhecendo, de fato, o ambiente em que sua profissão será exercida. Mas também, a extensão é um instrumento importante para apoiar o Estado para minimizar os riscos sociais. A universidade precisa se reconhecer como mais um partícipe da ação pública e desempenhar sua responsabilidade social, por meio da implementação de projetos de extensão, nas diversas comunidades vulneráveis que anseiem por cuidado.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO; Observatório de Violências nas Escolas; MEC, 2006.

ADAMS, Telmo; STRECK, Danilo Romeu**. Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonialidade.** Curitiba: CRV, 2014.

BRASIL, IPEA. **Atlas da Violência 2023.** Brasília: IPEA, 2023. disponível em https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9350-223443riatlasdaviolencia2023-final.pdf. Acesso em: 19 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução 7 de 18 de dezembro de 2018.** Estabelece as Diretrizes para a extensão na educação superior brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2018. Brasília: MEC. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN72018.pdf. Acesso em: 2 jan. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2024]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 out. 2024.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão, **Sociologias**, Porto alegre, ano 4, n. 8, jul/dez 2002, p. 432-443. Disponível em https://www.scielo.br/j/soc/a/fDDGcftS4kF3Y6jfxZt5M5K/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 29 maio. 2026.

CHICHARO, Jose.; AUSTIN, Kylie.; COYLE, Julia.; THOMPSON, Amy. Learning Outside the Classroom: A Distinctive Approach to Co-Curricular Recognition in the Australian context. *In*: 6th International Conference on Higher Education Advances (HEAd'20), 6., 2020, Espanha. **Proceedings** […]. Espanha: Universitat Politècnica de València, 2020. p. 361-369. Disponível em: https://archive.headconf.org/head20/wp-content/uploads/pdfs/11062.pdf. doi: 10.4995/head20.2020.11062. Acesso em: 12 set. 2024.

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária.** Manaus: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2012.

HAZEL, Cynthia.; PFAFF, Kelli.; ALBANES, Jennifer.; GALLAGHER, John. Multi-level Consultation With an Urban School District to Promote 9th Grade Supports for On-time Graduation. **Psychology in the Schools**, Nova Jersey, v. 51, n. 4, jan. 2014. p. 395-420. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/pits.21752, doi: https://doi.org/10.1002/pits.21752, Acesso em: 17 out. 2024.

LONGO, Ana Carolina. Formación Profesional Integrada: disciplina innovadora del curso de derecho de UniCEUB, en Brasil. **Debates en Evaluación y Curriculum**, México, ano 7, n. 7, 2023. p. 669-679. Acesso em: 16 fev. 2024. Disponível em: https://cie.uatx.mx/debates-en-evaluacion-y-curriculum/anual7no7.html. Acesso em: 18 out. 2024.

PAIN, Jacques. Os desafios da escola em face da violência e da globalização: submeter-se ou resistir?. *In:* SILVA, Joyce Mary Adam.; SALLES, Leila Maria (org.). **Jovens, violência e escola: um desafio contemporâneo**. São Paulo: Editora UNESP, Cultura Acadêmica, 2010.

PRANIS, Kay. **Processos circulares de construção de paz.** São Paulo: Palas Athena, 2010.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais.** São Paulo: Ágora, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.